

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E GÊNEROS

– GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT6: Gêneros, Corpos, Sexualidades

**CORPOREIDADES E IDENTIDADES: HIP-HOP E  
MULHERES QUE DANÇAM BREAK**

Sabrina Figueiredo Sousa/

Universidade Federal do Pará - UFPA

## **CORPORIEDADES E IDENTIDADES -HIP-HOP E MULHERES QUE DANÇAM BREAK**

### Resumo

O Hip Hop que em sua construção teve quatro elementos fundantes: Break, Mc, DJ e o Grafite. Entendendo também contextos atuais a expressão do Quinto elemento, o conhecimento sobre as construções físicas e simbólicas. Objetivo é analisar a trajetória femininas no Break, construção do conhecimento sobre hip-hop e a permanência de mulheres, espaço (organização e resistência) de segurança. Metodologia utilizada foi a observação participante na perspectiva decolonial. Resultados são perspectivas construídas em uma década da construção dessas trajetórias, resistir transitando sobre a necessidades de fala desta corporeidade e o dançar, o fazer hip-hop conjunto as relações que são construídas com outras mulheres dentro e fora dos espaços, para estratégias de permanência e (re)construção das suas identidades, afirmação no movimento político cultural e artístico, enfrentamento a invisibilidade.

Palavras-chave: Mulheres, Hip-hop, Juventudes, Break, Quinto Elemento.

### Abstract

The Hip Hop, which in its construction had four founding elements: Break, Mc, DJ and Graffiti. Understanding also current contexts the expression of the Fifth Element, the knowledge about the physical and symbolic constructions. The objective is to analyze the female trajectory in the Break, the construction of knowledge about hip hop and the permanence of women, security space (organization and resistance). Methodology used was participant observation from the decolonial perspective. Results are perspectives built in a decade of the construction of these trajectories, resisting the speech needs of this corporeality and dancing, doing hip hop together the relationships that are built with other women inside and outside the spaces, for strategies of permanence and (re) construction of their identities, affirmation in the cultural and artistic political movement, confronting invisibility.

Keywords: Women, Hip Hop, Youth, Break, Fifth Element.

O Hip Hop teve seu surgimento na transição entre os estilos *funk* e o *soul music*, por volta do final da década de 1960 tendo seu reconhecimento oficial em 1973 no surgimento de uma das maiores organizações Hip-Hop do mundo, a *Universal Zulu Nation*, na periferia de Nova York, no bairro do Bronx – data que também é vista como a junção dos elementos o que caracteriza o hip-hop. Com heranças afrodiáspóricas da Jamaica e sua influência *Soud Sistens*, e parte de danças porto-riquenhas no contexto de mudanças sociais de crise do final da década de 1960 com problemas sociais de ausências de políticas públicas, de estrutura, desemprego, habitação, a elevação da pobreza, ausência de lazer, etc. à população negra, latina que ali residiam, como resgate e transformação de suas realidades – os jovens transformaram essas narrativas em imagens, sons e movimentos, transformando em elementos que transitam entre várias formas de expressão que em sua construção teve quatro elementos fundantes: Break(dança), Mc(mestre de cerimônia), ou DJ(disque jockey -mixador, etc) e o Grafite (artes visuais plásticas de intervenção urbana). Entendendo também contextos atuais a expressão do Quinto elemento, o conhecimento sobre as construções físicas e simbólicas.

O hip-hop ao mesmo tempo em que se caracteriza enquanto movimento social também se destaca por desempenhar aspectos culturais<sup>1</sup> de comportamento destes grupos inseridos nestes elementos, partimos então dessa concepção para pensar a trajetória de ser mulher neste espaço, em específico no break que é o elemento da dança, neste sentido discutiremos aspectos sociais e culturais do hip-hop.

Compreendendo também a capacidade de adaptação reajustes regionais o Hip-hop por tem ampla difusão mundial, percebe-se em cada território especificidades, como no Brasil há relatos que em seu surgimento movimentos de capoeira foram acrescentados aos movimentos estadunidenses para não se tornarem reproduções, sendo visto hoje um fator decisivo em *batalhas* a capacidade de adaptação e improvisação, criatividade; estas especificidades com as quais os sujeitos se relacionam, contudo a estrutura que organiza e sustenta e apropria os sujeitos deste se identificar enquanto sujeitos do hip-hop, seja de qual elemento for está ligado também as amarras que também causam essas percepções gerais tanto positivas quanto negativas, e a percepção de mulheres neste lugar em que o break está à dança e seus dançarinos o *Break Boy* e *Break Girl (b.boy e b.girl)*<sup>2</sup> uma vez que percebe-se a

---

<sup>1</sup> “Hip hop ” um terno que vai além. significa cultura, mas também significa movimento, arte, expressão, paz, amor, soluções, lutas e igualdade de direitos.” (MOTTA, BALBINO, 2006.p. 10).

<sup>2</sup> “O termo break, idealizado pelo DJ Kool Herc, nos anos 1970, define-se como trecho de maior impacto de uma música que valoriza mais a batida. Os jovens que dançavam nas quebradas das mixagens começaram a ser chamados de break boys, o que deu origem aos termos b-boy e b-girl. Os principais movimentos da dança hip hop são: o eletroboogie, com movimentos robotizados; o up rock, o sapateado do break; e o breakdancing, que são os movimentos acrobáticos e giros no solo.” (ALVES, 2009.p. 33).

predominância masculina<sup>3</sup> Os contextos diferenciados de entrada do hip-hop nos diferentes territórios do Brasil também nos faz pensar como a juventude da época se organizou para a realização dos primeiros movimentos organizados da época e suas influências globais.<sup>4</sup>

As contra narrativas deste movimento estão sobretudo nas histórias de resistência dessas mulheres que adentram as rodas, os ensaios, as *batalhas* e resistem na luta por igualdade de oportunidades e de conquista de espaços físicos e simbólicos. A corporeidade trabalhada em movimentos por corpos femininos, seja de mulheres ou de homens que apresentam esses elementos em suas danças, são contestados pela hegemonia do ser masculino e inferiorizados pela incapacidade de reprodução plena do padrão masculino.

A corporeidade de mulheres na dança break é contestada e reafirmada por diversas vezes como inferior ao movimento praticado por homens, cujas capacidades são exacerbadas como artefício e manutenção desta figura principal em detrimento de uma imagem secundária, por vezes nem citada, que são as vozes das mulheres que falam com seus corpos as narrativas de insegurança de si e de suas novas atribuições de “incapacidades” de reprodução dos modelos masculinos. Em que a subjetivação destes sujeitos está ligada não somente na sua expressividade mas em transpassar a competição antes vista por rivalidades de grupos e gangues hoje nas performances de corpo indivíduo nos grupos, também chamados de *Crew*.

As constantes narrativas masculinas sobre a permanência das mulheres e a recusa de perceber a necessidade de diálogos sobre corpo e seu controle, estes não percebem também as situações de vulnerabilidades que estão sujeitas sobre a exposição de um corpo que é hiper sexualizado ou que este também necessite de sua negação para aceitação, seja nos ambientes coletivos seja em seu privado, sobre o controle de mobilidade e cerceamento de trânsito das mulheres em detrimento dos afazeres domésticos ou mesmo familiares, sobre a permissão invisível do estar na qual há de se perceber que a não aceitação desta presença cria mal estar para que seja explícito o não querer a presença física e simbólica de

---

<sup>3</sup> “O hip hop, em parte por ser uma cultura de rua, apresenta alta predominância masculina. [...]O break, por ser composto de movimentos vigorosos e de força, supostamente não favoreceria a presença feminina. Nos grupos estudados por Weller (2005), a participação feminina é pequena e se restringe a um papel secundário, com as mulheres disponibilizando seu corpo para melhorar a imagem do grupo, como apresentadoras, ou como decoração no fundo do palco. Nas teses e dissertações existentes sobre o break, a mulher não é objeto de estudo e, no movimento hip hop como um todo sua participação só é tema central em quatro estudos num grupo de oitenta e sete: Matsunaga (2006), Lima (2005), Magro (2003) e Magalhães (2002).” (ALVES, 2009.p. 33 – 34).

<sup>4</sup> Esse movimento como aqueles também chegou a Belém e também coincidiu com o momento em que o movimento punk chegou por aqui. Assim, quando o hip hop se torna um movimento consolidado em Belém ele estava em contato com os punks. (FERREIRA,2013. p. 41).

mulheres no que é visto como espaço de narrativas de poder<sup>5</sup>, cujo poder está associado a roda e sua competição, os treinos para um ritual, em que a coadjuvância da mulher está diretamente associada ao âmbito doméstico e seus transito nesse lugar, e mesmo no rompimento desta cerca as figuras masculinas tentam associar a vitória desse rompimento aos homens que dela buscam partilhar, como mais um artifício de suprimir a presença das mulheres e mais uma vez pôr-se em destaque.

O objetivo deste trabalho é fazer algumas observações sobre o contexto sociocultural das mulheres no break, é analisar a trajetória no Break em Belém, a construção de seus conhecimentos sobre hip-hop e a permanência de mulheres, espaço (organização e resistência) de segurança como construção de suas identidades enquanto mulheres que se identificam como “Mulher/ garota que dança break”.

### **Metodologia**

As análises partiram da observação participante<sup>6</sup>, em que a pesquisa se dá pelo processo de interação com os/as sujeitos/sujeitas relacionados, cujo processo de pesquisa se dá pela interação e participação, no qual não se trata como objeto de pesquisa mas sujeitos os quais possuem ação e a relação é vista como processo de investigação. Acompanhando eventos, ensaios, conversas cotidianas com as mulheres e os homens que transitam neste elemento, mantendo o contato por redes sociais, aproximando para entender a rotina destes participantes e os momentos de competição. Percebendo a relação de seus participantes na visão decolonial, cujas reproduções de modelos são também rompidas para criação de novos referenciais.

Além do acompanhamento das relações estabelecidas pelas atividades as quais os indivíduos partiram, tanto de diálogos interseccionais orientados a partir da pedagogia libertadora assim como a “educação entre pares” - em que jovem trabalha com jovem, bem como traçar a continuidade de relação e envolvimentos trazidos pela linguagem corporal e a psicologia da dança na compreensão dos sujeitos participantes.

---

<sup>5</sup> “Relatos de mulheres praticantes dizem que a maioria dos B-boys não aceitam que a mulher atue nessa vertente e acham que elas não são capazes de executar os movimentos necessários.” (Trecho reportagem do blog Geek Feminist)

<sup>6</sup> Al tratar de conceptualizar la metodología cualitativa se presentan dos tentaciones fáciles que deberán obviarse en menor o mayor medida: Una, consistente en apoyarnos en el concepto aparentemente mejor delimitado de metodología cuantitativa, y otra relativa a las técnicas que abarca o incluye. En la actualidad, en efecto, buen número de discusiones se plantean en base a dicotomias diversas: investigación nomotética (nomológica) / idiográfica (ideográfica), investigación psicométrica / etnometodología, investigación de laboratorio / de campo, investigación experimental / naturalista, ... (Álvarez, 1986). [...]” (*apud in* ANGUERA ARGILAGA, 1986. P 24.)

A percepção sobre a performance em relação ao corpo, o corpo enquanto identidade étnica e racial composto por seus significados de resistência em que a dança será a fala deste corpo<sup>7</sup>, e os gestos e expressões os seus signos comunicando seus significados. Assim a performance no *breaking* se assemelha as origens e reporta a transição desta rivalidade de grupos, transpassada em movimento, em competição que pode ser recorrente apresentado como verdadeiras batalhas de dança.

## RESULTADOS

Essa expressão vem também dos diálogos com minhas interlocutoras, que contesta a validação do homem sobre o que é ser b.girl, enfatizando que a natureza do ser b.girl está no ser garota que dança break.

São perspectivas construídas em uma década da construção dessas trajetórias, resistir transitando sobre a necessidades de fala desta corporeidade e o dançar, o fazer hip-hop conjunto as relações que são construídas com outras mulheres dentro e fora dos espaços, para estratégias de permanência e (re) construção das suas identidades, afirmação no movimento político cultural e artístico, enfrentamento a invisibilidade. O trânsito destas mulheres que normalmente articulam es estrutura ao lado de seus companheiros ou mesmo compartilham de pensamentos sobre organização e suas percepções sobre estes espaços são emudecidas nas narrativas sobre hip-hop, sobretudo no elemento do corpo/movimento e da dança.

---

<sup>7</sup> Corpo e Performance do corpo - “O ser humano está familiarizado ao seu corpo e assume uma postura de proximidade com os demais corpos do grupo social em que vive. A performance, neste aspecto, salienta esses movimentos e os desloca da sua normalidade, provocando assim um realce e um pensar sobre essa atitude.

O corpo é social e individual, expressa metaforicamente os princípios estruturais da vida coletiva. Essa estrutura somática humana abriga uma sacralidade pura e uma impura. Há no organismo, forças controladas e forças que ignoram o controle. O corpo pode ser belo ou nojento, ser amável ou agressivo, mesmo involuntariamente. O corpo é um composto que vive em um equilíbrio dinâmico entre as duas forças, social / individual, mas, talvez, muito mais tensionado pelo aspecto individual. No caso do corpo negro a maior tensão encontra-se no aspecto social é o corpo marcado pelo racismo.” (AMADOR DE DEUS, Z. 2011. P. 5).



*Figura 1 e Figura 2 Espectadoras, espectadores e Bboys assistindo a competição – Cypher Amazon Crew. Abril/2019*

Suas passagens nesses lugares não são invisíveis a outras mulheres que narram as trajetórias de batalhas passadas, de mulheres que transitam nesses espaços e das que alcançam voos entre as batalhas, criam espaços de escuta e troca, as vezes fragilizados pela rotina doméstica a qual está relacionada diretamente com este lugar, cuja casa e família caminham junto com o sentimento de grupo/coletivo/crew.



*Figura 3 e Figura 4– Espectadoras assistindo a competição – Chypher Amazon Crew. Abril/2019*



*Figura 5 – Jurados e espectadores Cypher Amazon Crew. Abril/2019*

As batalhas são momentos que beiram a tensão entre a rivalidade, a competitividade e elos de respeito e a espontaneidade da arte e movimento. A competição não mais está associada a rivalidade de gangues, mas a competição de ritmos, de criatividade, de desenvolvimento e reação, de habilidades e

domínio das bases da dança. A competição então cria condições de interação cujas famílias que estão inseridas neste meio compartilham os valores desta relação.



*Figura 6 e Figura 7 Cypher Amazon Crew. Abril/2019.*



*Figura 8 Cypher Amazon Crew. Abril/2019*

O corpo então transita pelo aceitável e estimado, o que é estigmatizado pelo ser do homem, em que a história deste homem, comumente apresentado como afrodescendente, está na disputa pelo discurso deste corpo manifesto, em que lutas do cotidiano, de seus contextos sociais estão colocados em suas performances.

As performances proporcionadas pelo compartilhamentos de signos/movimentos e histórias de vidas de pessoas antes com corpos colonizados, que para Frantz Fanon estrutura este corpo de maneira que o mesmo reproduz um comportamento colonial de individualização em que sem um colonizador como elo não constitui a comunidade que precisa se reabilitar, reintegrar esse corpo colonizado, os quais precisaram reaprender a falar com o corpo todos os silêncios impostos pela sociedade que por muito tempo impôs sobre seus corpos uma “normalidade” cuja ansiedade da fala e da dança se cruzam, onde dores e afetos se combinam, cuja dicotomia nada mais se fora do que uma etapa em busca de relacionar o corpo antes “privados e públicos”, com conceitos e afetos que agora se tornaram elo entre as pessoas que participam. O permitir entre os movimentos e os entraves que estão invisíveis nas amarras que afastam as mulheres destes espaços.



*Figura 9 – Foto divulgação campeonato Red Bull BC One, 2018. Vencedora Mini Japa, Mayara Collins.*

Assim, a performance a disputa de narrativas de mulheres neste espaço, em que seus corpos falam de um contexto próximo a realidades dos homens, mas em distinção de comportamento, sobre novas narrativas de outros corpos não presentes e silenciados nessa construção histórica do movimento, como a subalternidade nas oportunidades destes em ter espaços de evidência para competição. Em entrevista à Tv Globo, programa de Fátima Bernardes – Encontro Mayara comenta sobre a dificuldades de estar ativa na dança e sair do norte do país, cuja ausência de oportunidades, comenta também a dificuldade de competições equitárias de breaking, cuja premiação não seja meramente simbólica as dançarinas ou de valor menor, enfatiza ainda que a competição de 2018 é a primeira vez que o Campeonato Red Bull BC One premia na Categoria de B.Girl com a mesma premiação da categoria de B. Boys. Este ano a b.Girl Mini Japa competiu novamente na regional brasileira da competição, sendo a única da Amazônia a chegar entre as 16 melhores, e após a perda para a atual representante brasileira, a mesma conseguiu participar da mostra da competição sendo uma das selecionadas por seu vídeo performance, apontada em algumas reportagens como uma das melhores b.girls do país.

“Ainda há muito preconceito com mulher na cena, é muito difícil um garoto aceitar uma derrota para a gente numa batalha, por exemplo. Mas aos poucos estamos provando que, mesmo com diferentes tipos físicos, somos capazes de competir de igual para igual.” Mini Japa (Entrevista - RedBull, 2018)



*Figura 10 e Figura 11 - Mayara Trabalhando no evento de sua Cew (Amazon Crew), ao lado imagem da Bgirl junto com o Bboy Leony da sua Crew/2019*

A trajetórias das mulheres nesses espaços muitas vezes estão entre afastamentos causados pela violência do controle sobre corpos femininos, e da não aceitação destes corpos es espaços públicos, ou mesmo hiperssexualizando seus corpos publicizando e criando novas situações de constrangimento. Estas situações geram uma série de dificuldades em partilhar histórias e geram isolamento nas que não conseguem perceber as sutilezas do machismo, das falas despreziosas, dos deméritos associados as mulheres, muito embora a resistencia e a performidade de algumas destas mulheres em empenhar-se por criar novas referências de comportar e de enfrentar situações de machismo nos espaços do break trazem novas ares, em muitos lugares no Brasil surgem novos movimentos de mulheres, de Crews de Mulheres, ou que estas também criam espaços de convivência e segurança para outras mulheres e comunidades lgbtqi+.

Estes novos espaços de discussão e formação política são desde oficinas livres a performances coletivas que incluem mulheres e lgbtqi+, em que as mulheres que caminham neste sentido constroem a partir de suas trajetórias espaços de segurança e de boa convivência, repensando a estrutura de desinvisibilizar estes corpos insurgindo seus discursos pelo corpo presente. Performidades como na competição de break de 2016 em Belém, que foi trabalhada pelas b.girls Mini Japa, Sara Laman, Thaysa, Paulinha, uma competição em que as mulheres foram o foco, e além de diálogos sobre o movimento criaram um espaço de acolhimento para as mães em Belém. Hoje cada uma desenvolve sua militancia no break tanto virtual como nas suas apresentações em campeonatos e batalhas.

“Ainda falta muito, mas estamos conseguindo conquistar nosso merecido espaço dentro do breaking. A revolução é feminina.” FabGirl. (Entrevista - RedBull, 2019).

Outro exemplo de atividades construídas e ressignificadas pelas mulheres sobre a atuação no break e suas invisibilidades está nas construções e articulações da b.girl “FabGirl”, oriunda de Brasília onde atua com sua Crew BSB, cria espaços de segurança e convivência, em que a mesma realatou em diálogo realizado em dezembro de 2018 em Belém pela Caravana Hip-hop sobre a necessidade de

enfrentar e colocar a diversidade para falar, sobre como nos eventos da sua Crew (que é responsável por um dos eventos mais importantes do meio, pensado para B.Girls – a Bathe Batom), sobre suas atitudes no evento serem mulheres trans, e em todos os eventos ser pautado a diversidade deste meio que por muito tempo fora invisibilizado.

Assim, as discussões sobre o repensar um novo meio hip-hop, um novo meio break e evidenciar esta diversidade de relações está em constantes diálogos protagonizados e tencionados por mulheres, que estão em todo Brasil pensando novos meios de sociabilidades, de não reprodução das amarras do machismo, e do repensar do break em suas especificidades regionais, como feito em Belém.

## REFERÊNCIAS

ALVEZ, Ana Paula. Mulheres na dança do movimento hip hop: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero. Rev Genero v 10 n 1.indb. Niterói, v. 10, n. 1, p.31-46, 2. sem. 2009.

ANGUERA ARGILAGA, Maria Teresa Metodologia de la observación en las Ciencias Humanas, 1986. 23-50.

AMADOR DE DEUS, Zélia. Os Herdeiros de Ananse: Movimento Negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade. Zélia Amador de Deus, orientadora: Marilu Campelo. – 2008. Tese (doutorado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

\_\_\_\_\_, O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Des)Igualdades. Salvador. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Leila Cristina Leite “E aí, vai ficar de toca? Cola com nós”: lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: a juventude grafiteira em Belém / Leila Cristina Leite Ferreira. UFPA. Belém – 2013.

MENDES, Ana Flavia. Abordagens criativas na cena, os múltiplos olhares da Companhia Moderna de Dança. São Paulo. Escrituras Editores, 2010. Coleção processos criativos em Companhia.

MOTTA, Anita; BALBINO, Jessica. Hip hop: a cultura marginal: do povo para o povo. 2006.

SAVAGE, Jon. A criação da juventude: Como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009

Blog Geek Feminist. Mulheres no Break.05 de agosto de 2019. Acessado: <http://geeknfeminist.com.br/mulheres-no-break/>. Dia 17 de novembro de 2019 as 22h13m.

Reportagem Red Bull BC One: Mini Japa vence batalha de b-girls durante final nacional - Acessado: <https://www.redbull.com/br-pt/red-bull-bc-one-b-girl-mini-japa-vence-duelo-nacional> Dia 16 de novembro de 2019 as 22h10m.

Reportagem MINI JAPA VENCE A BATALHA DE B-GIRLS DO RED BULL BC ONE CYPHER BRAZIL – Acessado: <https://rapnarua.wordpress.com/2018/06/12/mini-japa-vence-a-batalha-de-b-girls-do-red-bull-bc-one-cypher-brazil/> Dia 16 de novembro de 2019 as 22h15m.

Reportagem FabGirl, estrela do breaking: 'A revolução é feminina'. Acessado: <https://www.redbull.com/br-pt/danca-dance-como-fabgirl> Dia 18 de novembro de 2019 as 22h15m.